

# LEVANDO O EVANGELHO AOS CATÓLICOS

*Richard Benett*

*Preletor da XX Conferência Fiel para Pastores e Líderes - outubro 2004*

## **INTRODUÇÃO**

Durante os meus 14 anos de busca pela verdade do evangelho, como padre, tive grande dificuldade em ouvir os pregadores do evangelho. Programas de rádio evangélicos me falavam constantemente sobre muitas coisas que eu tinha de fazer para aceitar Jesus em meu coração. De maneira semelhante, os folhetos evangelísticos me falavam a respeito de quanta dedicação e compromisso eu necessitava, para tomar uma decisão por Cristo. Depois de uma busca agonizante, em face de haver sido ensinado no que tinha de fazer para ser salvo, descobri que a primeira verdade a ser biblicamente compreendida a respeito do evangelho é que ele se refere à pessoa do Senhor Jesus Cristo, conforme disse Paulo em Romanos 1.3. Enquanto é proclamado a todos, o evangelho nada fala a respeito de Cristo ser aceito no coração; ele está centralizado no Senhor

Jesus Cristo, sua fidelidade, sua morte e ressurreição, e no fato de nós sermos aceitos nEle, por intermédio da sua graça.

Descobri também que o evangelho é um fato histórico. A fé bíblica não se preocupa com técnicas recomendáveis, quer sejam místicas, quer sejam éticas, por meio das quais a salvação pode ser obtida — pois isto é uma preocupação peculiar das falsas religiões. Pelo contrário, a Bíblia proclama que Deus, em fatos concretos na História, salvou todo o seu povo da condenação eterna. O evangelho por meio do qual somos salvos (1 Coríntios 15.1-4) é a obra perfeita e consumada do Senhor Jesus Cristo.

## **COMO NÃO DEVEMOS EVANGELIZAR**

O grande obstáculo do evangelho é o silêncio. Por nos mantermos calados, esperando que nossa vida cristã testemunhe por si mesma, fa-

lhamos em cumprir o mandamento do Senhor. O mandamento “ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” significa sair e anunciar a Palavra aos católicos. A maioria das freiras, padres e ex-católicos que eu conheço e que já foram salvos do catolicismo testemunham que nenhum crente evangélico jamais se aproximou deles, para lhes falar sobre a salvação. O mandamento de Cristo que nos ordena anunciar as boas-novas é um mandamento e não um pedido!

Ao evangelizar um católico, o crente precisa estar absolutamente consciente de não apresentar qualquer mensagem que envolva um processo. O católico tem sido constantemente ensinado a respeito de como fazer coisas para tornar-se agradável a Deus. As primeiras sextas-feiras, os primeiros sábados, o escapulário azul, “o caminho estreito de Santa Tereza”, as aparições, etc., estão repletos de mensagens sobre o que fazer. A vida religiosa do católico está cheia do que fazer.

Quando nos aproximamos de um católico, temos de falar-lhe sobre o que Cristo fez e sobre o simples mandamento de crer e descansar. Utilizar expressões como “aceite a Jesus no coração” e “entregue sua vida a Jesus” é muito semelhante ao que os católicos romanos ouvem em sua religião; e, às vezes, eles ouvem exatamente essas palavras. Essas mensagens têm de ser deixadas de lado completamente, se temos de evangelizá-los. Portanto, é necessário discutir algumas destas maneiras erradas de evangelizar que causam prejuízo ao verdadeiro evangelho.

“Aceite a Jesus em seu coração” é uma das frases mais utilizadas entre os evangélicos contemporâneos. Este conceito humanista não é bíblico. O conceito bíblico da salvação é que, por meio da graça, o crente é aceito em Cristo. Todo o ensino de Efésios 1 se resume nas palavras do versículo 6: “Para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado”. A frase “aceite a Jesus” segue em direção contrária ao ensino das Escrituras. Ela pressupõe que a salvação se encontra no poder do coração humano. Nas Escrituras, a salvação é apresentada como algo que está em Cristo, e somente em Cristo.

É antibíblico pensar que a salvação começa pela vinda de Cristo ao coração pecaminoso de um ser humano. A pessoa espiritualmente morta e ímpia pode ser tornada aceitável somente quando está “em Cristo” — isto é o que testifica todo o ensino dos apóstolos Paulo, João e Pedro. É tão-somente nesta situação que Cristo vem ao coração humano, para santificar aquele que já está salvo. Ele vem realmente ao nosso coração quando cremos; assim nos diz a sua Palavra: “Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim” (João 15.4). Este é o processo de santificação em nós que não deve ser confundido com a salvação inicial que está em Cristo.

Os versículos que mencionamos em seguida são freqüentemente utilizados de maneira errônea para

evangelizar. Eles foram dirigidos especificamente aos crentes da igreja de Laodicéia — “Ao anjo da igreja em Laodicéia escreve.... Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono” (Apocalipse 3.14,20-21). Esta utilização errônea de Apocalipse 3.20 — que fala sobre santificação — para ensinar a justificação é indesculpável. A

justificação difere da santificação. A santificação é interna e experimental; a justificação é objetiva e legal. A justificação é instantânea e imutável; a santificação é gradual e progressiva. Muitos dos que usam estes versículos erroneamente, conhecem seu verdadeiro significado; todavia, por causa daquilo que chamam de “sucesso na evangelização” eles persistem. Visto que este abuso das Escrituras é tão sério e prejudicial às pessoas, é importante oferecermos exemplos. Com freqüência, as pessoas ouvem o seguinte:

“Estou aqui, à porta, e bato! Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo (ver Apocalipse 3.20). Jesus Cristo deseja ter um relacionamento pessoal com você. Imagine que Jesus está à porta de seu coração (a porta das

emoções, do intelecto e da vontade). Convide-O a entrar. Ele espera que você o receba em seu coração e em sua vida”.

O Senhor Jesus, que é completamente santo, não está à espera de entrar em qualquer coração pecaminoso. Ele ordena que todos os homens, em todos os lugares, creiam nEle. É a fé exclusivamente em Cristo que salva e não a fé em qualquer processo sutilmente apresentado em lugar da fé em Cristo. O texto de santifi-

cação (Apocalipse 3.20) proferido pelo Senhor àqueles que já fazem parte da Igreja é utilizado de maneira completamente errônea. (Não é surpresa que alguns pastores que o empregam incorretamente também endossam a “conversão como um processo”, nos termos de um documento chamado *Evangélicos e Católicos Unidos* e outros documentos ecumênicos falsos e similares.) Muitos são enganados neste assunto vital, acreditando sinceramente que receberam a Cristo como seu Salvador pessoal, quando, na realidade, creram em um ritual.

Os católicos podem ser enganados neste assunto vital, crendo sinceramente que receberam a Jesus em seus corações. Eles ainda permanecem na Igreja Católica, crendo que acrescentaram algo recomendado pelo próprio evangelho aos muitos rituais

---

■

*Por nos mantermos  
calados, esperando que  
nossa vida cristã  
testemunhe por si  
mesma, falhamos em  
cumprir o mandamento  
do Senhor.*

---

■

do seu catolicismo. É bastante sério apresentar uma mensagem de salvação que engana as pessoas.

“Dê a Jesus o controle de sua vida, para que você seja salvo” é outra abordagem antibíblica. Este ensino é um erro porque o soberano Deus do universo controla a sua criação. Deus é Aquele que “faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Efésios 1.11). Nada que um pessoa imagina que pode oferecer a Deus em troca da salvação é aceitável diante dEle. “Não por obras de justiça praticadas por nós, mas segundo sua misericórdia, ele nos salvou” (Tito 3.5). Jesus Cristo mesmo foi o único sacrifício pelos pecados, o único sacrifício aceitável a Deus; e este sacrifício pelos pecados foi realizado completamente na cruz. O sacrifício pelos pecados está acabado. Uma pessoa é salva pela graça, por meio da fé em Jesus, e não por meio de uma promessa de “comportamento controlado”. O controle no comportamento é um processo que acompanha a salvação e não a causa inicial da salvação.

“Dê a sua vida a Jesus, para que seja salvo” — este é um ensino errado por várias razões. Primeiramente, a vida eterna é um dom gratuito (Efésios 2.8-9, Romanos 5.15-18, 6.23). Uma pessoa não dá nada em troca de um dom gratuito. Deus outorga este dom gratuito quando coloca a pes-

soa em Cristo Jesus. Juntamente com o dom da salvação, Deus outorga o dom da fé, para que a pessoa creia que isto é o que Ele realmente fez (ver também João 5.24-25). O pecado é aquilo que causa separação entre Deus e o homem (Romanos 3.23). Em segundo lugar, frases tais como “entregue sua vida a Jesus” pressupõem, erroneamente, que a pessoa tem algo digno para oferecer a Deus. Pessoas espiritualmente mortas não podem oferecer qualquer coisa que as salvará de seus pecados. Visto que o homem está morto em pecados, Jesus Cristo deu a sua vida em favor dos pecados do seu povo (Gálatas 1.4). Não existe qualquer versículo na Bíblia que afirme ou ensine que uma pessoa perdida e espiritualmente morta “dá” alguma coisa, inclusive sua própria vida, para que seja salva.

Se um católico é ensinado a “dar” sua vida a Jesus, para que seja salvo, ele pode imaginar que tem de dar seu culto, seu tempo, suas obras, seu dinheiro, etc., para ser salvo. Isto pode levar aquela pessoa a um evangelho de obras, que jamais pode salvar. Ser salvo não é uma “transação” pela qual a pessoa dá algo a Jesus, para ser salva. Uma pessoa é salva exclusivamente pela graça de Deus, por meio da fé em Cristo — e por nada mais (ver Efésios 2.8-9).

O evangelho não é enaltecido e

---

■

*O Senhor Jesus, que é  
completamente santo, não  
está à espera de entrar  
em qualquer coração  
pecaminoso.*

---

■

Deus não é glorificado por nos dirigirmos aos sábios do mundo e lhes dissermos que “dêem sua vida a Jesus” ou que “podem ser salvos, por aceitarem a Cristo como seu Salvador pessoal”, enquanto continuam apegados aos seus rituais e tradições e ainda amam o pecado. O arrependimento é necessário. O arrependimento é tão essencial à fé salvadora, que, se for negligenciado, a pessoa não terá a fé salvadora. A convicção de pecado é a primeira obra do Espírito Santo na vida do perdido (João 16.8). Sem convicção de pecado, uma pessoa não pode ter a salvação. “Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles” (Mateus 1.21). O arrependimento é uma parte inseparável do crer em Jesus, porque Ele veio ao mundo não para salvar a pessoa *nos* pecados dela, e sim *dos* pecados dela. “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (Atos 17.30).

### **O MÉTODO BÍBLICO**

A metodologia bíblica é uma parte importante da verdade do Senhor. O método de evangelismo do próprio Senhor consistia essencialmente em fazer perguntas e proclamar a necessidade de arrepender-se e crer. De modo semelhante, os apóstolos proclamaram o mandamento de crer, estabelecido pelo Senhor. O método bíblico consiste em fazer perguntas, assim como o Senhor fez. Ao utilizarmos as próprias palavras da Bíblia, apresentamos a santidade

de Deus e mostramos a bondade dEle em declarar que a justiça de Cristo é a única propiciação dos pecados de cada pessoa que Ele salva. Mostramos que a obra do Senhor Jesus é autêntica e completa. É evidente que temos de deixar bem claro que todos são ordenados a crer no Senhor Jesus. Para crer, a pessoa tem de arrepender-se de todos os seus esforços visando estabelecer sua própria justiça e confiar na fidelidade da vida e da morte do Senhor Jesus. O ponto central na obra de Deus em salvar o ímpio é imputar a justiça de Cristo àquele que crê. Este é o tema de Romanos 4, resumido de maneira admirável no versículo 5: “Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça” (Romanos 4.5). A razão por que Deus imputa a justiça de Cristo ao crente é demonstrar quem Ele mesmo é — “Tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Romanos 3.26).

### **EXEMPLOS DE PERGUNTAS PARA A EVANGELIZAÇÃO**

1. Como podemos nós, pecadores, comparecer diante de um Deus que é totalmente santo?
2. Na perspectiva de Deus, qual é o propósito de nossa vida?
3. Qual é a mensagem central da Bíblia?
4. Como podemos ter a vida eterna?
5. O que o inculpável Jesus Cristo fez na cruz?

6. Deus é totalmente santo. Nós somos completamente pecadores. Então, como podemos nos relacionar com Ele?

7. Por que Jesus disse aos judeus: “Se não credes que EU SOU, morrereis nos vossos pecados” (João 8.24)?

### ***A SALVAÇÃO ESTÁ EM CRISTO***

Nas Escrituras, é evidente que a salvação é apresentada como algo que está em Cristo. Por exemplo, em Efésios 1 e 2, expressões como “em Cristo”, “nele”, “em quem” e “no Amado” se repetem 18 vezes. Isto também acontece em todas as epístolas de Paulo. A salvação está em Cristo. Citamos o testemunho do próprio apóstolo Paulo, em Filipenses 3.9: “E ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé”. De maneira semelhante, nos escritos do apóstolo João a vida eterna se encontra em Cristo e em crer nEle — “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1 João 5.20).

Na época da Reforma, quando milhões de católicos vieram ao Senhor, isto aconteceu precisamente por causa de um dos princípios fundamentais da Reforma: o princípio que afirmava a verdade bíblica de que a salvação está em Cristo. Todos os mandamentos dizem: “Crer”; “Olhar

para”; “Vir a Cristo”; “Crê no Senhor Jesus e serás salvo”; ou, nas palavras do próprio Senhor Jesus: “Quem crer e for batizado será salvo” (Marcos 16.16); “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (João 6.29). O fato de que a salvação está em Cristo e não no crente é extremamente importante, quando evangelizamos um católico. O verbo “receberam” em João 1.12 é explicado como sendo uma referência àqueles que “crêem” nEle; portanto, o receber equivale ao conhecimento de Cristo, pelo qual cremos nEle. “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome” (João 1.12). Na evangelização, qualquer terminologia que focaliza o coração humano, e não a Cristo, é ineficaz, porque não se harmoniza com a Palavra de Deus. O princípio bíblico de olhar para Cristo, a fim de ser aceito nEle, é crucial.

O ato de vir a Cristo é iniciado pelo Pai, que atrai cada pessoa a Cristo (João 6.37). A salvação é realizada exclusivamente pela graça de Deus; é um dom gratuito de Deus, por meio da fé (Efésios 2.8-9). Vir a Cristo significa ter a vida eterna agora mesmo; e esta vida será plenamente glorificada no céu. Na evangelização, falar sobre “ir para o céu” altera a ênfase do assunto, ao deixar de ressaltar aquilo que Deus é e destacar as realizações do homem; também erra por não deixar claro que, por meio da fé preciosa, a qual possuímos como crentes, já temos a vida eterna. Em vez de falarem sobre alcançar o céu, os que já são

salvos devem proclamar aos perdidos: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17.3). As palavras da Bíblia têm de ser igualmente proclamadas aos católicos, quer seja no supermercado, quer seja por meio do telefone. “Estas coisas vos escrevi, a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus” (1 João 5.13). Quando todo o crédito é atribuído a Deus e à sua graça; quando a sua Palavra, que é poderosa, é utilizada, ele salva o pecador. E aquele que transmitiu a Palavra de Deus é humilhado, por meio de uma demonstração do poder e da misericórdia de um Deus santo. Ambas as pessoas são beneficiadas, para a glória de Deus. Tudo isso está afirmado em Efésios 1.6: “Para louvor da glória de sua graça”.

### ***A FIDELIDADE DE CRISTO APRESENTADA***

As Escrituras declaram que a justiça de Cristo se manifestou sem a Lei; a justiça de Cristo é o propósito do evangelho. O que as Escrituras apresentam não é qualquer tipo de obra humana; pelo contrário, o que elas revelam é a justiça de Deus em Cristo Jesus. O evangelho é a demonstração, em fatos históricos concretos, da perfeita satisfação, re-

alizada por Cristo, de todas as exigências da Lei — e Deus atribui esta satisfação a todo verdadeiro crente em Cristo. Diante da natureza santa de Deus, o pecado tinha de ser punido e a verdadeira justiça, estabelecida. Isto foi realizado por meio da completa obediência do Senhor Jesus Cristo e do seu sacrifício propiciatório. É assim que a fidelidade de Cristo é proclamada em Romanos 3.22: “Justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo”.

Quando a Bíblia declara que a justificação é um dom de Deus para o crente, ela também mostra, em poucas palavras, o que a justificação significa. A justificação está em Cristo e pertence a Ele. A justificação é a demonstração da fidelidade de Jesus Cristo, até à morte. Essa perfeita retidão é de Deus e procede dEle — “justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo” (Romanos 3.22). E a maravilhosa notícia é que esta justiça absoluta é “para todos [e sobre todos] os que crêem”. Este é o tipo de evangelização bíblica que exalta a gloriosa e sublime pessoa de Jesus Cristo. Através da sua obra perfeita e da sua fidelidade, o Senhor Jesus aniquila a idéia de obras de justiça e todo o sistema sacramental que a Igreja de Roma defende. Somente o Senhor é exaltado e mantido gloriosamente nas alturas, e as almas são salvas para a glória de sua graça.

# ADORAÇÃO SIGNIFICATIVA

*John MacArthur Jr.*

Se você visitar Londres, não terá qualquer problema em reconhecer a Catedral de São Paulo. Ela é considerada uma das dez mais belas construções do mundo e domina os céus de Londres. Aquela venerável construção permanece como um monumento ao seu criador — o astrônomo e arquiteto Christopher Wren. A Catedral de São Paulo é a mais famosa realização de Christopher Wren, mas existe uma interessante história a respeito de uma construção menos famosa que ele projetou.

Wren recebeu a incumbência de projetar o interior da Câmara Municipal, em Windsor, ao oeste do centro de Londres. Seu projeto exigia colunas largas para suportar o teto elevado. Quando a construção foi terminada, os vereadores vistoriaram o edifício e expressaram preocupação a respeito de um problema: as colunas. O problema não era que eles

estavam preocupados com a utilidade das colunas; eles apenas queriam um número maior de colunas.

A solução de Wren foi tão mal-dosa quanto a sua inspiração. Ele fez exatamente como lhe haviam pedido, instalando quatro novas colunas e satisfazendo as exigências de seus críticos. Aquelas colunas permanecem na Câmara Municipal, em Windsor, até hoje; e não são difíceis de identificar. Elas são as únicas que não suportam qualquer peso e, na realidade, nem alcançam o teto. Aquelas colunas são imitações. Wren as instalou para satisfazerem um único propósito — proporcionar melhor aparência. Elas são um embelezamento construído para agradar os olhos. No que diz respeito a suportar o edifício e a fortalecer a estrutura, elas se mostram tão úteis quanto os quadros pendurados nas paredes.

Embora me entristeça ao dizer

isto, creio que muitas igrejas têm construído as suas próprias colunas decorativas, especialmente no culto. *Vocês já observaram que na adoração congregacional — aquilo que os crentes fazem quando se reúnem — não é difícil achar crentes que a adoração tenha deixado vazios? Alguma coisa está faltando — alguma coisa importante.*

Será que estamos colhendo as conseqüências de abandonarmos o modelo bíblico de adoração e construindo um modelo simplesmente decorativo? É possível que tenhamos construído uma fachada que não oferece qualquer suporte, não sustenta qualquer peso e está muito aquém de alcançar as alturas que Deus projetou e desejou que caracterizassem a adoração?

A verdadeira e genuína adoração não é uma opção para o povo de Deus. Não é uma sugestão; não é uma proposição do tipo “pegar ou largar”. A adoração no Dia do Senhor deveria ser a maior alegria de nossa semana. É a nossa oportunidade de engajarmos nossa mente nas coisas de Deus; de nos regozijarmos com o povo de Deus; de nos aquecermos na presença dEle; de bebermos corporativamente da sua Palavra; de dedicarmos nossos talentos e recursos; de encorajarmos e sermos encorajados e de Lhe oferecermos os nossos louvores.

A ênfase na adoração bíblica e nos elementos que constituem um culto rico e transformador tem sido substituída, em anos recentes, por aquilo que é superficial. A substância tem sido trocada por aquilo que é a sombra. O conteúdo foi lançado

fora, para dar lugar ao estilo. O significado foi banido, o método tomou-lhe o lugar. O culto talvez pareça correto, mas traz consigo pouco valor espiritual.

Essa tendência talvez seja mais evidente em uma área muito íntima ao meu coração — o ensino da Palavra de Deus. Os exemplos mais óbvios são igrejas que menosprezam francamente a Bíblia e o ensino do seu verdadeiro significado, ao mesmo tempo que enfatizam o ritual e a tradição.

No entanto, esse é um exemplo muito fácil de citarmos. O que podemos dizer sobre as igrejas evangélicas, conservadoras que tomaram um caminho *um pouco* diferente, mas igualmente perigoso?

Os cultos, que antes centralizavam-se no ensino da Bíblia, têm sido substituídos por entretenimento ostentoso e *mini-sermões*. *A luz das Escrituras tem sido perdida e em seu lugar há luzes de shows e efeitos especiais. A presença do pastor no palco é mais examinada* do que o seu sermão. O tempo que antes era reservado ao ensino do pastor tem sido reduzido a alguns desprezíveis minutos de humor e bate-papo. Isto parece uma coluna decorativa que não suporta muito peso e nunca alcança o teto.

As ordenanças constituem outra área que foi deixada de lado nos cultos. Por ordenanças, eu me refiro ao batismo em água e à Ceia do Senhor — a comunhão. A Bíblia é clara. O batismo e a comunhão são integrais à vida da igreja e devem ter um papel elevado na adoração.

Mas algumas igrejas abandona-

ram completamente o batismo e a Ceia do Senhor, relegando-as aos cultos do meio da semana, quando provavelmente ofendem menos os incrédulos. Além disso, o significado do batismo e da Ceia do Senhor raramente é ensinado; e isto os condena à morte lenta nas mãos da obscuridade e da negligência.

Talvez você fique surpreso com a outra área que perdeu muito do seu significado na adoração. É um assunto sobre o qual não falo com frequência, mas tem sido vital à minha igreja e ao seu ministério.

Creio que a música tem perdido o seu devido lugar na adoração e tornou-se uma coluna ornamental.

Em vez de nos conduzir a uma resposta ativa e pessoal à verdade de Deus, a música se tornou um barulho de segundo plano cujo objetivo é manter-nos ocupados, enquanto os pratos de coleta são passados. Em vez de elevar nossos pensamentos a respeito de Deus, além do nível que podemos fazê-lo sozinhos, a música se tornou uma rotina sem significado que raramente observamos. Em vez de desprender-nos das pompas da vida diária e de atrair nossos pensamentos para o alto, a música se tornou um intervalo colocado antes da pregação. Em vez de glorificar a Deus, a música se tornou um estimulante para o ego de alguns cantores. Em vez de envol-

ver nossas mentes na verdade a respeito de quem Deus é e do que Ele tem feito, a música é um carrossel emocional onde subimos e descemos quando queremos.

Mas o segredo de tornarmos mais significativa a música da adoração é uma questão de escolhermos músicas antigas e/ou músicas de estilo diferente? Não necessariamente. Martinho Lutero disse que a música é um servo criado e outorgado por Deus. Lutero estava correto. A música em si mesma — as notas, os sons, o ritmo — é apenas um instrumento para ajudar-nos a transmitir a verdade. Enquanto o estilo não contradiz nem obscurece a verdade, e a mensagem está correta, a música é uma questão de preferência.

O verdadeiro âmago da música é o seu significado — é a verdade

contida em sua melodia. A verdade é a fonte da qual jorra toda a verdadeira adoração. A verdade é aquilo que torna a música uma coluna de sustentação e não apenas um ornamento na igreja. Quando a nossa música está fundamentada na verdade, ela eleva nossos pensamen-

tos a Deus; impulsiona nosso coração em direção ao céu, de um modo que nenhuma outra coisa pode fazê-lo. A música nos emociona e, ao mesmo tempo, escava profundamente o solo empedernido de nosso coração. Acima de tudo, a música nos

— ■ —

*A ênfase na adoração  
bíblica e nos elementos  
que constituem um culto  
rico e transformador  
tem sido substituída,  
em anos recentes,  
por aquilo que  
é superficial.*

— ■ —

faz deixar de olhar para nós mesmos e atribui a glória a Deus. A música eleva nossa consciência da santidade de Deus e intensifica tanto o nosso senso de completa indignidade como o nosso senso de desventura.

Certamente, a música pode e deve produzir emoções. No entanto, as emoções devem surgir em resposta à verdade, e não ao custo da verdade. Por si mesmas, as emoções nunca se qualificam como adoração.

Tenho receio de que, enquanto não reconhecermos o devido lugar da música e nos treinarmos para escolhê-la e utilizá-la com cuidado, a música permanecerá como nada mais do que um simples ornamento, contribuindo muito pouco para a edificação da igreja. E o que é pior: teremos perdido o verdadeiro poder que a adoração tem a oferecer — o poder que transforma nossas vidas e nos atrai a maior intimidade com Deus.



## DEUS OU AS DIVERSÕES?

*David Brainerd*

Aqui está a diferença entre as minhas atuais distrações e aquelas que segui no passado, em meu estado natural. Naquele tempo, fiz um deus das minhas diversões, vindo delas a minha maior satisfação, ao mesmo tempo em que negligenciava as coisas de Deus. Agora, porém, só lanço mão delas para que me ajudem a viver para Deus. Deleito-me em *Deus* continuamente e não nas diversões, extraíndo do *Senhor* a minha mais alta satisfação. No passado, aquelas coisas eram o meu *tudo*; mas agora são apenas meios para que eu chegue ao meu *tudo*. Aquelas coisas que tomam meu tempo, quando vistas por esse ângulo, não tendem a impedir minha espiritualidade e sim a promovê-la.

# CRISTO É O SEU SENHOR?

A. W. Pink

Não estamos perguntando se Cristo é o seu “Salvador”, mas se Ele é real e verdadeiramente o seu Senhor. Se Ele não é o seu *Senhor*, então, mui certamente Ele *não* é o seu “Salvador”. Aqueles que não receberam a Cristo Jesus como o seu “Senhor”, e, apesar disso, supõem que Ele seja o seu “Salvador” estão iludidos, e sua esperança se baseia em um alicerce de areia. Multidões estão enganadas no que diz respeito a esta questão vital; por conseguinte, se o leitor dá valor à sua alma, imploramos-lhe que leia com a mais acurada atenção este pequeno artigo.

Quando perguntamos se Cristo é o seu Senhor, *não* estamos interrogando se você acredita na divindade de Jesus de Nazaré. Os demônios acreditam nisso (Mt 8.28-29), mas, estão eternamente condenados! Você pode estar firmemente convencido da divindade de Cristo e, apesar disso, continuar em seus pecados. Pode falar nEle com a mais profunda reverência, atribuir-Lhe seus títulos divinos em suas orações e continuar perdido. Pode abominar aqueles que

difamam sua pessoa e negam sua divindade, e, não obstante, estar destituído de qualquer amor espiritual por Ele.

Quando perguntamos: Cristo é o seu Senhor? Queremos dizer: Ele ocupa, em tudo, o trono de seu coração; Ele realmente governa a sua vida? “Todos nós andávamos desgarrados... cada um se desviava pelo caminho...” (Is 53.6) descreve o curso de vida que *todos* seguem por natureza. Antes da conversão, cada alma vive para agradar a si mesma. Há muitos séculos foi escrito que “cada um fazia o que achava mais reto”. E por quê? “Naqueles dias, não havia rei em Israel” (Jz 21.25). Ah! *Esta* é a verdade que queremos tornar clara para nosso leitor. Enquanto Cristo não se tornar o seu *Rei* (1 Tm 1.17; Ap 15.3), enquanto você não se inclinar perante o cetro dEle, enquanto a vontade dEle não se tornar a regra de sua vida, o EU o dominará, e, deste modo, Cristo estará sendo negado.

Quando o Espírito Santo começa sua obra graciosa em uma alma,

Ele primeiramente a convence de pecado. Ele mostra a autêntica e horrenda *natureza do pecado*. Ele leva a perceber que o pecado é uma espécie de rebelião e desafio contra a autoridade de Deus; é antepor a própria vontade contra a vontade de Deus. Ele mostra que, ao *desviar-me pelo caminho* (Is 53.6), ao agradecer a *mim mesmo*, estou apenas lutando contra Deus. E quando meus olhos são abertos, para que eu veja como tenho sido um rebelde durante a vida inteira, como tenho sido indiferente para com a honra de Deus, como tenho sido despreocupado acerca de *sua* vontade, fico cheio de angústia e horror, sendo levado a *maravilhar-me* com o fato de que Aquele que é três vezes Santo ainda não me lançou há muito tempo no inferno. Meu caro leitor, você já passou por essa experiência? Em caso negativo, há grave motivo para temer-se que você continue espiritualmente *morto!*

A conversão, a conversão autêntica, a conversão *salvadora*, consiste em voltar-se do pecado para Deus, em Cristo. É lançar por terra as armas da minha luta contra Ele; é a *cessação* do desprezo e da ignorância sobre sua autoridade. A conversão no Novo Testamento é descrita assim: “Deixando os ídolos, vos

convertestes a Deus, para servirdes [estardes em sujeição, obedecerdes] o Deus vivo e verdadeiro” (1 Ts 1.9). “Ídolo” é qualquer objeto ao qual damos aquilo que é devido exclusivamente a Deus – o lugar supremo em nossas afeições, a influência transformadora de nosso coração, o poder dominante em nossa vida. A conversão é uma volta de 180 graus, quando o coração e a vontade *repediam* o pecado, o “eu” e o mundo. A conversão genuína é sempre evidenciada por aquela atitude

que diz: “Que farei, Senhor?” (At 22.10). É a rendição sem reservas de nós mesmos à sua santa vontade. Você já se rendeu a Ele? (Veja Romanos 6.13.)

Existem muitas pessoas que gostariam de ser salvas do inferno, mas que *não* querem ser

salvas de sua vontade própria, que não querem ser salvas de seus próprios caminhos, de uma vida (ou de alguma forma) de mundanismo. Deus, porém, não as salvará de conformidade com as condições que elas mesmas estabelecem. Para sermos salvos, precisamos submeter-nos às condições de *Deus*. Escute agora estas condições: “Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR [pois se revoltou contra Ele em Adão], que se compadecerá dele, e

— ■ —  
*Aqueles que não receberam a Cristo Jesus como o seu “Senhor” e, apesar disso, supõem que Ele seja o seu “Salvador” estão iludidos, e sua esperança se baseia em um alicerce de areia.*  
 — ■ —

volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Is 55.7). E Jesus Cristo disse: “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem [que seja contrário a Mim] não pode ser meu discípulo” (Lc 14.33). É preciso que os homens sejam convertidos “das trevas para a luz e *da potestade de Satanás para Deus*”, antes que possam receber “remissão de pecados e herança entre os que são santificados” (At 26.18).

“Ora, como recebestes a Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele” (Cl 2.6). Esta é uma exortação dirigida a crentes, como se Paulo tivesse dito: “*Continuai* como começastes”. Porém, como haviam eles “começado”? Recebendo a “Cristo Jesus, o Senhor”, rendendo-se a Ele, deixando de agradar a si mesmos. A autoridade de Cristo tornou-se reconhecida, os mandamentos dEle se transformaram na regra de suas vidas. O amor de Cristo os constrangia a uma obediência exultante e sem reservas. “Deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor” (2 Co 8.5). Caro leitor, você já fez isso? Já mesmo? Os detalhes de sua vida evidenciam isso? Aqueles com quem você mantém contato podem ver, agora, que você não está vivendo para si mesmo? (2 Co 5.15)

Ó, meu caro leitor, não se engane: a conversão produzida pelo Espírito Santo é algo completamente radical. É um *milagre da graça*. É a entronização de Cristo na vida do indivíduo. E tais conversões são raras. Multidões de pessoas têm “religião” suficiente apenas para fazê-las sentirem-se infelizes. É claro que estão se esforçando por servir a dois

senhores. Recusam-se a abandonar *todo* pecado conhecido – e não há verdadeira paz para uma alma enquanto ela faz isso. Tais pessoas jamais receberam a “Cristo Jesus, o Senhor” (Cl 2.6). Tivessem feito isso, e a “alegria do SENHOR” seria a força delas (Ne 8.10). Porém, a linguagem existente no coração e na vida dessas pessoas (embora *não* em seus “lábios”) é: “Não queremos que este *reine sobre nós*” (Lc 19.14). Será este o seu caso?

O grande milagre da graça consiste na transformação de um rebelde iníquo em um súdito leal e amoroso. Trata-se de uma “renovação” do coração, de tal maneira que seu dono veio a enojar-se daquilo que amava, e as coisas que julgava desagradáveis, agora lhe parecem atraentes (2 Co 5.17). Ele se *deleita*, segundo o “homem interior”, na “lei de Deus” (Rm 7.22). Descobre que os “mandamentos” de Cristo “não são penosos” (1 Jo 5.3) e, que, “em os guardar, há grande recompensa” (Sl 19.11). Esta é a *sua* experiência? Seria, se recebesse a Cristo Jesus, o SENHOR!

Entretanto, receber a Cristo, o Senhor, é algo completamente impossível para o poder humano sozinho. Esta é a *última* coisa que o coração não-renovado *deseja* fazer. Deve haver necessariamente uma *transformação* sobrenatural do coração, antes que apareça até mesmo o desejo de que Cristo ocupe o trono. E essa transformação só pode ser realizada pelo próprio Deus (1 Co 12.3). Por conseguinte, “buscai o SENHOR enquanto se pode achar” (Is 55.6), “Buscar-me-eis e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso

coração” (Jr 29.13). Caro leitor, talvez você seja alguém que professa ser crente há muitos anos, sendo bastante sincero em sua profissão de fé. Porém, se Deus tiver condescendido em usar este artigo para mostrar-lhe que você nunca recebeu verdadeiramente a “Cristo Jesus, o Senhor”; se agora, em sua própria alma e consciência, você percebe que o EU tem

governado sua vida até este momento, não deseja prostrar-se de joelhos e *confessar* a Deus sua vontade própria, sua *rebelião* contra Ele e pedir-Lhe que *opere de tal modo em você*, que, sem demora, você seja capacitado a render-se completamente à vontade dEle, tornando-se um súdito, um servo, um amoroso escravo dEle, em ações e em verdade?



## INSTRUÇÃO RELIGIOSA NA FAMÍLIA

*Richard C. Halverson*

É indiscutível que uma cultura não pode suportar indefinidamente a desintegração do casamento, da família e do lar. A família é central para a perpetuação e a preservação da humanidade; é básica para a ordem social e o principal ambiente para a instrução e o crescimento. O mandamento de Deus a Israel incluía a responsabilidade de instrução religiosa na família (Deuterônimo 6.4-9). Na família se estabelecem sistemas de valor; aprende-se a respeito da autoridade, disciplina, amor, respeito; toma-se direção na vida. Embora o filho possa parecer, anos mais tarde, repudiar grandemente o que foi aprendido no lar, certamente ele leva grande vantagem sobre aquele que não recebeu orientação bíblica em casa. Na crise, geralmente, o filho retorna às suas raízes.

# OS PERIGOS DA SEGURANÇA CARNAL

*John Bunyan*

Na cidade de *Alma do Homem*, vivia um homem cujo nome era *Segurança Carnal*. Este homem, apesar de toda a misericórdia concedida pelo Príncipe, colocou *Alma do Homem* em terrível servidão.

Quando Diabo tomou posse da cidade de *Alma do Homem*, ele trouxe consigo um grande número de seus descendentes. Entre estes se achava o Sr. *Presunção*. Diabo, percebendo que *Presunção* era muito ativo e ousado, enviou-o em muitas missões perigosíssimas. *Presunção* se mostrou bem-sucedido em suas realizações e agradou o seu senhor, mais do que muitos que o serviam. Reconhecendo que *Presunção* era conveniente aos seus propósitos, Diabo o tornou o segundo no comando, sob as ordens do grande lorde *Vontade-Própria*.

Naqueles dias, o lorde *Vontade-Própria* agradou-se de *Presunção* e de suas realizações, de modo que lhe deu sua filha, Srta. *Não-Teme-Nada*, como esposa. Ora, *Não-Teme-Nada* e *Presunção* tiveram um filho que chamaram *Segurança Carnal*. Hou-

ve muitos casamentos mistos em *Alma do Homem*, e, em alguns casos, dificilmente se podia determinar quem era natural da cidade e quem não o era. *Segurança Carnal* era parente do lorde *Vontade-Própria*, por parte de mãe, embora seu pai fosse descendente do Diabo, por natureza.

*Segurança Carnal* nasceu com os traços de seu pai e sua mãe. Ele era presunçoso, destemido e bastante ativo. De um modo ou de outro, qualquer idéia nova, filosofia estranha ou entretenimento incomum na cidade era instigado por ele. Nas contendas, ele rejeitava os que eram considerados fracos e sempre ficava do lado da facção mais forte.

Quando Shadai e Emanuel guerreararam contra *Alma do Homem*, *Segurança Carnal* estava na cidade. Ele se mostrou bastante ativo entre as pessoas, encorajando-as em sua rebelião e endurecendo-as em sua resistência contra as forças do Rei. Quando a cidade de *Alma do Homem* foi conquistada pelo Príncipe glorioso, *Segurança Carnal* viu Diabo ser

expulso e forçado a deixar o castelo, com grande vergonha. *Segurança Carnal* percebeu que a cidade estava cheia dos capitães e das armas de guerra de Emanuel. Por essa razão, mostrando-se esperto, ele mudou de atitude. E, da mesma maneira como havia servido o Diabo, *Segurança Carnal* se comprometeu a apoiar o Príncipe.

Depois de obter algumas informações sobre os planos de Emanuel, *Segurança Carnal* aventurou-se na companhia dos homens da cidade e tentou conversar com eles. *Segurança Carnal* sabia que o poder e a força de *Alma do Homem* era grande e que seria agradável aos moradores se elogiasse o poder e a glória deles. Por conseguinte, ele começou a falar exageradamente sobre o poder e o vigor dos lugares seguros e das fortalezas de *Alma do Homem*, dizendo que a cidade era impenetrável. *Segurança Carnal* exaltou os capitães e suas armas, assegurando aos moradores que o Príncipe tornaria *Alma do Homem* feliz para sempre. Quando *Segurança Carnal* viu que algumas pessoas se deleitaram e foram conquistadas por seu discurso, ele estabeleceu como seu objetivo o percorrer todas as ruas e casas, a fim de convencer os moradores de sua segurança. Em breve, eles se tornaram tão carnalmente seguros como o era *Segurança Carnal*. Assim, motivados pela conversa, os moradores começaram a festejar e a se divertir.

O prefeito, Sr. *Entendimento*, o lorde *Vontade-Própria* e o Sr. *Conehecimento* também foram conquistados pelas palavras deste homem gentil e bajulador. Eles esqueceram

que o seu Príncipe os advertira a serem cuidadosos e não se deixarem enganar por qualquer artifício diabólico. O Príncipe lhes dissera que a segurança agora florescente na cidade não se devia às suas fortalezas, e sim ao seu desejo de que Emanuel habitasse no castelo da cidade. A verdadeira doutrina de Emanuel dizia que *Alma do Homem* deveria ter o cuidado de não esquecer o amor do Príncipe e o amor de seu Pai pelos moradores. Eles também deveriam se comportar de um modo que os preservaria no amor dEle.

Tornarem-se enfatuados por causa de um habitante que era descendente do Diabo, especialmente alguém como *Segurança Carnal*, constituía um erro gravíssimo para eles. Deviam ter escutado, temido e amado o seu Príncipe. Deviam ter apedrejado até à morte este criador de desordens carnal e andado nos caminhos do seu Príncipe. A paz deles teria sido como um rio, se a sua justiça tivesse sido como as ondas do mar.

De sua residência, no castelo, Emanuel observou o que se passava na cidade. Compreendeu que, por meio da astúcia do Sr. *Segurança Carnal*, o coração dos homens de *Alma do Homem* havia se tornado frio em seu amor para com Ele. Com grande tristeza, ele se dirigiu ao Secretário de seu Pai: “Oh! Se meu povo tivesse me escutado e *Alma do Homem* houvesse andado em meus caminhos! Eu os teria alimentado com o mais fino trigo e sustentado com o mel que brota da rocha”.

Então, ele disse em seu coração: “Retornarei à corte de meu Pai, até

que o povo de *Alma do Homem* considere e reconheça a sua ofensa”.

O coração de Emanuel estava ferido, porque eles não o visitavam mais em seu palácio real, como o faziam antes. Na realidade, os moradores de *Alma do Homem* nem mesmo percebiam que ele não estava mais vindo para bater na porta das casas deles. O Príncipe ainda preparava festas de amor e os convidava a participar, mas desprezavam os convites dele e não queriam mais se deleitar na sua companhia. Os habitantes de *Alma do Homem* não procuravam os conselhos do Príncipe, nem esperavam por tais conselhos. Em vez disso, se tornaram confiantes em si mesmos, concluindo que eram fortes e invencíveis. Acreditavam que *Alma do Homem* era segura e estava fora do alcance de qualquer inimigo.

Emanuel percebeu que, por causa da astúcia de *Segurança Carnal*, a cidade de *Alma do Homem* não dependia mais dele ou de seu Pai. Em vez disso, confiavam nas bênçãos que haviam recebido. A princípio, ele se entristeceu por causa da condição pecaminosa dos moradores. Por isso, tentou fazê-los compreender que o caminho que agora seguiam era perigoso. O Príncipe enviou seu *Nobilíssimo Secretário*, para proibi-los de continuar em seu caminho. Mas, nas duas ocasiões em que ele veio, encontrou os moradores jantando na casa de *Segurança Carnal*. O *Secretário* compreendeu que não estavam dispostos a ouvi-lo argumentando a respeito da felicidade deles. Depois, ele se retirou entristecido em seu coração. Quando ele narrou ao

Príncipe a indiferença do povo, Emanuel também se sentiu ofendido e entristeceu-se. Assim, ele fez planos de retornar à corte de seu Pai.

Durante o restante do tempo que permaneceu em *Alma do Homem*, antes de sua partida, o Príncipe dedicou-se a si mesmo, mais do que o fizera anteriormente. Se procurava a companhia dos moradores, a conversa dele não era mais tão agradável como havia sido. Quando os homens da cidade vinham à casa do Príncipe, não o encontravam tão disponível como em tempos passados. Antes, ao ouvir os passos deles, o Príncipe se apressava a encontrá-los no meio do caminho e os envolvia em seus braços. Agora, porém, eles batiam uma ou duas vezes, e parecia que o Príncipe não os ouvia.

Emanuel continuou a agir desta maneira, esperando que as pessoas de *Alma do Homem* reconsiderassem suas atitudes e retornassem para ele. No entanto, elas não perceberam esta sua nova maneira de comportar-se para com elas, nem se comoveram com as lembranças dos antigos favores do Príncipe.

Por conseguinte, o Príncipe se retirou deles: primeiramente, em seu palácio; depois, nos portões da cidade; e, por último, saindo de *Alma do Homem*. Ele se ausentaria da cidade até que os moradores reconhecessem sua ofensa e buscassem sinceramente a face dele. O Sr. *Paz-de-Deus* também se retirou de sua posição e, até ao presente, não cumpriu mais seus deveres em *Alma do Homem*.

Por esse tempo, os moradores da cidade estavam tão endurecidos em

seus caminhos e tão doutrinados por *Segurança Carnal*, que a partida do Príncipe não lhes comoveu o coração. Na verdade, os moradores de *Alma do Homem* nem se lembraram do Príncipe, depois que ele partiu, e

sua ausência não teve qualquer importância para eles.

Extraído de *The Holy War*,  
escrito por John Bunyan.

## O PECADO

*John Bunyan*

O pecado é um grande empecilho e obstáculo à nossa felicidade; é a causa de todas as misérias do homem, tanto no presente quanto no porvir. Removamos o pecado de nossa existência e nada nos afligirá, visto que a morte temporal, espiritual e eterna é o salário do pecado.

O pecado, e não o homem, é o objeto da ira de Deus. Quão terrível, portanto, deve ser a situação daquele que permanece no pecado, pois quem pode suportar e lutar contra a ira de Deus?

Nenhum pecado contra Deus pode ser considerado *pequeno*, visto que todo pecado é cometido contra o *grande* Deus do céu e da terra. Mas, se o pecador puder encontrar um Deus *pequeno*, será fácil encontrar pecados *pequenos*.

O pecado transforma a graça de Deus em libertinagem. O pecado é o *desafio* à justiça de Deus; é o *rapto* da sua misericórdia; é o *escárnio* da sua paciência; é o *menosprezo* do seu poder; é o *desdém* do seu amor.

Acautele-se de não se entregar à libertinagem de cometer um pecado, pois este o levará a outro, até que, por costume, o pecado se torne natural.

Começar a pecar é o primeiro passo em direção a continuar pecando; e a continuação é a mãe do costume, que, por fim, resultará em impudência.

A morte de Cristo nos proporcionou a melhor descoberta acerca de nós mesmos. Estávamos em tal condição que nada nos poderia ajudar, exceto a morte de Cristo e a descoberta evidente da terrível natureza de nossos pecados. Se o pecado é algo tão horrível, que traspassou o coração do Filho de Deus, como poderia um miserável pecador dar apoio ao pecado?

# A VONTADE DE DEUS, A VONTADE DO HOMEM E O LIVRE-ARBÍTRIO

*Ernest Reisinger*

Um assunto muito importante mas negligenciado na igreja moderna é o livre-arbítrio. É vital compreender em que sentido a vontade é livre e reconhecer a importância deste assunto para a fé cristã.

Será que a salvação depende da disposição do homem para ser salvo, independentemente de uma obra prévia do Espírito Santo? Ninguém é salvo contra sua própria vontade; entretanto, Deus transforma o pecador de maneira a torná-lo desejoso. O assunto do livre-arbítrio está no cerne do cristianismo e tem um profundo efeito em nossa mensagem e em nosso método de evangelização. Ao mesmo tempo que é verdade: “Quem quiser, venha”, a Bíblia ensina que a salvação depende não da disposição do homem, e sim da disposição, da graça e do poder de Deus. Além do mais, se Deus não tivesse poder sobre a vontade humana, o mundo inteiro iria para o inferno. Deus não exclui ninguém de seu convite; entretanto, os próprios pecadores excluem a si mesmos.

Philip P. Bliss escreveu um hino

que traduzido no português se chama “Quem Quiser”.

*Quem ouvir as novas, vá proclamar:  
Salvação de graça, vinde desfrutar!  
Oh! Que o mundo inteiro ouça a anunciar:  
Quem quiser, venha!*

*Quem quiser agora, venha aceitar;  
Eis a porta aberta, já podeis entrar;  
É Jesus caminho para ao céu chegar;  
Quem quiser, venha!*

*Que fiel promessa tens, pecador!  
Queres tu a vida? Vem ao Salvador!  
Ele a todos fala com mui terno amor:  
Quem quiser, venha!*

*Todo o que quiser, venha receber!  
Possamos todos essa boa-nova ouvir.  
É o Pai celeste que convida assim:  
Quem quiser, venha!*

Se você não pode cantar esse hino do fundo do seu coração, então, não compreende o ensino bíblico sobre o livre-arbítrio. O escritor foi muito prudente e sábio quando escreveu “quem quiser, venha”. Ele não dis-

se “quem quiser, *pode* vir”.

Uma das primeiras perguntas que encaramos em um estudo sério, quanto à liberdade da vontade, é se existe poder na vontade para obedecer a Deus e para fazer o que é espiritualmente bom. Esta pergunta está intimamente ligada ao assunto da condição espiritual do homem diante de Deus. Precisamos começar considerando o modo como o homem foi criado e o seu estado como um ser não-regenerado.

Também é necessário conhecermos a capacidade que o homem possuía antes da Queda e a capacidade que ele perdeu por causa da Queda. A doutrina do livre-arbítrio nos leva a algumas considerações, não sobre a capacidade do homem, e sim sobre a sua fraqueza, miséria e incapacidade para fazer aquilo que é espiritualmente bom.

Nenhum homem é salvo contra a sua vontade. Nenhum homem é perdoado, enquanto odeia o simples pensar no perdão. Nenhum homem terá alegria no Senhor, se disser: “Eu não quero me regozijar no Senhor”. Não pense, por um só instante, que os anjos haverão de empurrar pessoas através dos portais do céu. Nós não somos salvos contra a nossa vontade; nem a nossa vontade é arrancada de nós, mas o agir (a operação) do Espírito de Deus se realiza no sentido de transformar a vontade humana e, assim, fazer com que al-

guns homens estejam dispostos no dia do poder de Deus (Sl 110.3), efetuando neles tanto o seu querer como o realizar, segundo sua boa vontade (Fp 2.13). “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo

3.8). O Espírito vivifica a alma e lhe faz tais revelações da verdade, capacitando-a a enxergar as coisas por um prisma diferente do que jamais enxergou. A

vontade alegremente curva sua cerviz, que um dia foi tão dura quanto o ferro, e se dispõe a vestir o jugo que um dia desprezou, usando-o com alegria. O homem não é como a máquina que meramente obedece a comandos; ele não é polido como um pedaço de mármore. Ele não é lixado como um pedaço de madeira, mas sobre a sua mente age o Espírito da vida. O homem é tornado uma nova criatura em Cristo, pela vontade de Deus, e a sua própria vontade é levada a ceder, com alegria e doçura. Se você está disposto, pode ter certeza de que foi Deus que o tornou disposto. Se você tem uma faísca de amor por Ele, essa faísca vem do fogo do amor de Deus por você. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (1 Jo 4.19). Trazemos a coroa e dizemos: “Em que cabeça devemos colocá-la?” Todo o filho de Deus haverá de dizer: “Coroai-o, Ele é digno, Ele nos fez diferentes”. “Pois

— ■ —

*É vital compreender  
em que sentido a vontade  
é livre e reconhecer  
a importância deste  
assunto para a fé cristã.*

— ■ —

quem é que te faz sobressair? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te vanglorias, como se o não tiveras recebido?” (1 Co 4.7)

O assunto da vontade do homem não é novo no debate da igreja cristã, entre os teólogos e os filósofos. Durante centenas de anos, tem havido sérios e firmes debates e discussões sobre o assunto da liberdade da vontade humana. Durante o século V, um de nossos heróis, Agostinho, debateu com Pelágio sobre este assunto. Foi também um dos assuntos-chave da Reforma.

Martinho Lutero começou a Reforma com uma negação do livre-arbítrio. Isto era, e continua sendo, fundamental para a doutrina bíblica da justificação somente pela fé.

No final da Reforma, Erasmo, um erudito brilhante, escreveu uma diatribe chamada *Discussão Acerca da Liberdade da Vontade*, defendendo a doutrina católica romana. Em resposta a diatribe de Erasmo, Lutero escreveu *A Escravidão da Vontade*<sup>1</sup> (todo o pastor deveria ler este clássico).

Quando a maioria dos cristãos pensa na Reforma, a primeira coisa que lhes vem à mente é a justificação somente pela fé. Há uma boa razão para isso: *Justificação pela Fé Somente* foi a doutrina-chave que saiu da Reforma; não se tratava, entretanto, de uma questão-chave no início da Reforma. Um estudo cuidadoso dos fatos históricos mostrará claramente que o assunto da vontade humana estava no cerne da diferença teológica entre Martinho Lutero e a Igreja Católica Romana.

Para enfatizar a importância deste assunto, talvez seja apropriado e proveitoso citar o Dr. J. I. Packer e O. R. Johnston em sua introdução histórica e teológica à obra prima de Lutero. O Dr. Packer e O. R. Johnston traduziram *A Escravidão da Vontade* do alemão e do latim para o inglês:

*A Escravidão da Vontade* é o escrito teológico mais precioso que surgiu da caneta de Lutero. Esta era a sua própria opinião. Escrevendo a Capito, no dia 9 de julho de 1537, a respeito de uma sugerida edição completa de suas obras, Lutero afirmou categoricamente que nenhuma delas merecia ser preservada, exceto estas: *O Pequeno Catecismo para Crianças* e *A Escravidão da Vontade*, pois apenas estas duas obras, em seus respectivos âmbitos, eram “justas” (*justum*). Outros têm concordado com Lutero, ao darem a esse tratado um lugar de destaque entre as suas produções teológicas. B. B. Warfield, por exemplo, ao endossar a descrição de *A Escravidão da Vontade* como “obra prima dialética e polêmica”, classificava, quanto ao estilo, como sendo “a corporificação dos conceitos da Reforma de Lutero, a coisa mais próxima de uma afirmação sistemática de todos os conceitos que ele já proferiu... é... no sentido mais verdadeiro, o manifesto da Reforma”. E o professor Rupp cita com aprovação a descrição do livro como “o melhor e mais poderoso *Soli Deo Gloria* cantado durante o período da Reforma”.

Em sua fertilidade de pensamento, seu vigor de linguagem, sua percepção teológica profunda, sua força de argumento muito bem sustentada e na excepcionalidade de sua exposição, este tratado permanece não-superado entre os escritos de Lutero. É o representante mais digno de seu pensamento maduro, deixado para nós; é um memorial muito mais refinado de sua perícia teológica do que os pequenos folhetos de anos anteriores, que são bem mais conhecidos.

Seu caráter se destaca quando o comparamos com o livrete que ele se propôs a responder. A diatribe de Erasmo foi escrita de forma elegante e graciosa, mas não é, de maneira alguma, quanto ao seu significado, uma produção digna. Há ampla evidência de que Erasmo não tinha o desejo de escrevê-la e nenhum interesse no assunto. Seu livro sugere que esta é a realidade. Ele exhibe muita cultura, mas pouco discernimento. A obra deixa claro aquilo que o autor jamais estaria preocupado em negar: Erasmo de Rotterdam, um estudioso da Bíblia bastante versado, não era teólogo. Ele foi breve, superficial e deliberadamente evasivo na questão que abordou. Escreveu acerca do debate sobre “o livre-arbítrio”, conforme ele mesmo nos informa, como um comentador e crítico, não como alguém que prestava contribuição ao assunto. Seu ponto principal é que não se trata de uma questão muito significativa, de uma for-

ma ou de outra; e sua reclamação principal contra Lutero foi simplesmente que este demonstrava um censo defeituoso de proporção, ao colocar tanta ênfase em uma opinião que é extrema e improvável em si mesma e se relaciona a um assunto que tanto é obscuro como insignificante. A *Escravidão da Vontade*, por outro lado, é um tratado importante sobre o que Lutero viu ser o cerne do evangelho. Não era uma obra de literatura inferior executada com objetivos financeiros. Lutero recebeu, com satisfação, a oportunidade que a aparição da *Diatribes* lhe ofereceu para uma completa discussão escrita, acerca daquelas porções de seus ensinamentos que para ele realmente importavam; e, dedicando-se, atirou-se ao assunto com gosto. “Somente você”, ele disse a Erasmo, “atacou o que realmente importa, ou seja, a questão central. Você não se preocupou com aquelas questões irrelevantes — acerca do papado, purgatório, indulgências e coisas semelhantes — a respeito das quais até o dia de hoje a minha morte tem sido procurada... Você, e apenas você, enxergou a dobradiça sobre a qual tudo revolve e acertou no ponto nevrálgico. Por isso, agradeço-lhe de todo o coração; pois é mais gratificante para mim lidar com essa questão...” “Livre-arbítrio” não era uma questão acadêmica para Lutero; o evangelho da graça de Deus, ele defendia, estava preso nisso e permaneceria de pé

ou cairia de acordo com o que se decidisse a esse respeito em *A Escravidão da Vontade*. Portanto, Lutero acreditava estar lutando em favor da verdade de Deus, a única esperança para o homem; e sua determinação e seriedade, ao perseguir o argumento, dá testemunho da força de sua convicção de que a fé uma vez entregue aos santos e, por consequência, as almas preciosas estão em jogo. “Quanto ao termo permitido argumentar um tanto vigorosamente” ele escreveu, “reconheço minha falha, se é uma falha — mas não; sinto tremenda alegria de que este testemunho veio ao mundo a partir da minha conduta na causa de Deus. Que Deus mesmo confirme este testemunho no último dia!” Lutero argumentou que não faz parte da conduta de um verdadeiro teólogo o despreocupar-se, ou o parecer despreocupado, quando o evangelho está correndo o risco de ser mal interpretado. Esta é a explicação que Warfield chama de “o vigor surpreendente” da linguagem de Lutero. O evangelho de Deus estava em risco; as fontes da religião de Lutero foram tocadas; o homem foi movido; o vulcão começou a sua erupção; os argumentos se derramaram de Lutero como lava fervendo. Em nenhum lugar, Lutero chega mais próximo, quer em espírito ou em substância, de Paulo, em Romanos e Gálatas, do que em *A Escravidão da Vontade*.

Por que Erasmo e Lutero

abordaram a questão “do livre arbítrio” com atitudes tão contrastantes em suas mentes? Não é difícil encontrar a resposta. Suas atitudes divergentes brotaram de duas concepções diferentes de cristianismo. Erasmo argumentava que as questões de doutrina eram todas comparativamente irrelevantes e que estar ou não o homem livre era o menos importante de todos os assuntos. Lutero, por outro lado, acreditava que as doutrinas eram essenciais e construtivas à religião cristã e que a doutrina de *A Escravidão da Vontade*, em especial, era a pedra angular do evangelho da fé...

Esse assunto ressurgiu com intenso vigor no século XVII, durante o Grande Despertamento. O assunto do livre-arbítrio estava na base do erro teológico de Charles Finney e seus métodos evangelísticos e antibíblicos. A batalha ainda existe entre os Reformados e os Fundamentalistas, bem como entre seus respectivos métodos e mensagem do evangelho.

Todo o estudante sério das Escrituras deveria compreender quão vital e importante é este assunto, em relação a outras doutrinas importantes da fé cristã, tais como a depravação total, a eleição e a chamada eficaz. Um ponto de vista correto do livre-arbítrio afeta profundamente nossos métodos de evangelismo.

---

<sup>1</sup> *Nascido Escravo* (um resumo de *A Escravidão da Vontade*), Martinho Lutero, Editora Fiel, 1992.

# O NOVO NASCIMENTO

*Joe Nesom*

**D**urante o início do ministério de nosso Senhor, um fariseu, chamado Nicodemos, veio ao seu encontro e envolveu-O numa conversa.

Após o reconhecimento de Nicodemos no sentido de que Jesus era um verdadeiro mestre e que viera da parte de Deus, o Senhor Jesus começou a falar sobre a necessidade do novo nascimento. Ele disse a Nicodemos: “Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus” (Jo 3.3).

Existem aqui duas palavras gregas que podem transmitir um duplo significado, quando traduzidas para nosso idioma. Estas duas palavras comumente são traduzidas “nascer de novo”, mas poderiam ser traduzidas “gerado” e “de cima”. Portanto, a afirmação poderia ser traduzida deste modo: “A menos que alguém seja gerado [isto é, receba vida] de cima, não pode ver o reino de Deus”.

Temos de possuir vida nova. Esta nova vida tem de vir de cima, ou seja, de Deus. Ele precisa gerar esta vida em nós. Sem o novo nascimento, não podemos ver o reino de Deus. O Senhor Jesus gravou na mente de Nicodemos a verdade de que, se Deus não agir para salvar-nos, não poderemos ser salvos.

Jesus ensinou a Nicodemos que nada menos do que nos tornarmos novas criaturas poderá nos salvar. Não podemos ver a Deus no estado em que nos encontramos. Tem de haver uma mudança radical, descrita na Bíblia como um novo nascimento.

## **DEUS AGE SOZINHO**

Visto que somos pecadores diante de Deus, todos nós estamos mortos em ofensas e pecados. Nada menos do que a intervenção de Deus pode trazer-nos à vida espiritual. Visitar pecadores indignos e aplicar

a Palavra da vida ao coração deles é uma obra especial do Espírito Santo.

Nicodemos pensou que um milagre estranho tinha de acontecer. De alguma maneira, um homem precisava retornar ao ventre materno e nascer pela segunda vez! Nosso Senhor reconheceu que temos de ser nascidos de uma mulher (descrevendo isso como ser nascido da “carne”); todavia, Ele insistiu que temos de ser nascidos do Espírito de Deus.

O que podemos fazer para conseguir esse novo nascimento da parte de Deus? A resposta é: “Nada”. Muitos livros já foram escritos por pessoas bem intencionadas que reivindicam instruir outras sobre como nascer de novo.

No entanto, se somos fiéis à Palavra de Deus, temos de reconhecer que não podemos ensinar a alguém como nascer de novo. Isso era o que os apóstolos de Cristo não faziam, quando evangelizavam. Eles nunca chegavam em uma cidade e anunciavam que o tema do sermão daquele dia seria “Como Nascer de Novo”. Pelo contrário, eles exortavam as pessoas a se converterem de seus pecados e crerem em Cristo.

## TORNANDO DISPOSTO

Certamente, podemos ensinar às pessoas como vir a Cristo, para serem salvas. Elas têm de se arrepender de seus pecados e pôr sua confiança em Cristo, para salvá-las. Mas o arrependimento e a fé resultam do novo nascimento.

Em outras palavras, quando uma pessoa é nascida de novo, ela é capacitada, por meio da nova vida que

lhe foi transmitida, a arrepender-se e crer em Cristo. Arrepender e crer é o que nós fazemos. O novo nascimento, porém, é algo que somente Deus pode fazer; e Ele precisa realizá-lo em primeiro lugar. A *Confissão de Fé de Westminster*, dos presbiterianos, e a *Confissão de Fé de 1689*, dos batistas, descrevem o novo nascimento como uma obra do Espírito Santo, “iluminando-lhes a mente de maneira espiritual e salvadora, para que compreendam as coisas de Deus, tirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes um coração de carne; renovando-lhes a vontade e, pela sua onipotência, predispondo-os para o bem e trazendo-os irresistivelmente a Jesus Cristo. No entanto, eles vêm a Cristo espontânea e livremente, porque a graça de Deus lhes dispõe o coração para isso”.

## O NOVO NASCIMENTO VEM EM PRIMEIRO LUGAR

O que vem em primeiro lugar, o arrependimento ou o novo nascimento? Em primeiro lugar, acontece a regeneração, ou seja, o novo nascimento, por intermédio do Espírito Santo. Depois vêm o arrependimento e a fé em Cristo como resultados da obra de Deus.

A Confissão de Fé da Convenção Batista do Sul (*The Baptist Faith and Message*) afirma-o nestas palavras: “A regeneração, ou seja, o novo nascimento, é uma obra da graça de Deus mediante a qual os crentes se tornam novas criaturas em Cristo Jesus. É uma mudança do coração, realizada pelo Espírito Santo através da convicção de pecado, à qual o

pecador reage em arrependimento para com Deus e fé no Senhor Jesus Cristo. O arrependimento e a fé são experiências inseparáveis realizadas pela graça divina”.

Se você já nasceu de novo, você se arrependerá e crerá em Jesus. Deus nos outorgou a capacidade de nos arrependermos, quando não o fez a outras pessoas. Ele nos deu a fé em Cristo, quando outros não crêem. O Senhor Jesus disse a alguns de seus inimigos que eles não criam nEle, porque o Pai não os havia capacitado a fazer isso (Jo 6.60-65).

## **CONTROLAR O VENTO?**

Alguém poderia argumentar: “Eu pensava que Deus nos concede a vida porque nos arrependemos. O arrependimento não é a condição para alguém ser nascido de novo?” Não, de conformidade com o ensino do Senhor Jesus. Ele disse a Nicodemos: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).

Você e eu podemos controlar o vento? Nós nos levantamos a cada dia e decidimos quão velozmente o vento soprará ou de que direção ele virá? Podemos impedir um tornado de causar destruição, enquanto ele passa por um povoado indefeso? É claro que não. O vento sopra onde lhe agrada.

Também não podemos controlar ou dirigir o Espírito Santo em sua obra de transmitir vida nova aos pecadores. Ele nos regenera, nos ressuscita para uma nova vida e nos

faz “nascer de novo”. O vento do Espírito tem de soprar.

Essa é a razão por que oramos a fim de que o Espírito de Deus venha sobre nossos amigos e parentes que não conhecem a Jesus. Pedimos que Deus os salve. Sabemos que, se eles têm de vir a Cristo, deverão ser atraídos a Ele pela obra de Deus.

O Senhor Jesus disse: “Em verdade, em verdade vos digo: quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida. Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (Jo 5.24-25).

## **A OBRA DO ESPÍRITO SANTO**

Por natureza, estamos mortos em nossos pecados. Não podemos salvar a nós mesmos. Deus tem de agir para resgatar-nos. Ele fez isso, ao enviar seu Filho para morrer em lugar dos pecadores na cruz. No entanto, a obra expiatória de Cristo precisa ser aplicada a cada um de nós: esta é a obra do Espírito Santo.

O Pai, desde a eternidade, nos escolheu. O Filho morreu em favor de seu povo, no tempo e na História. O Espírito Santo nos traz o benefício da morte de Cristo, bem como nos traz em Si mesmo à ressurreição e à vida de Cristo.

Servindo-se do mesmo poder com que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, o Espírito Santo nos toca, quando ainda estamos espiritualmente desamparados, mortos diante de Deus. Repentinamente, ressurgimos

de nosso sepulcro espiritual; cremos no evangelho, cremos em Cristo, dependendo completamente dEle para nos salvar.

Em nosso estado de morte espiritual, não amávamos a Deus. Agora, nós O amamos, porque Ele nos amou primeiro. Não amávamos nosso próximo. Agora amamos até aqueles que antes odiávamos. Todos estes são os resultados miraculosos do novo nascimento. O Senhor nos tocou com seu poder ressuscitador. Estamos verdadeiramente vivos pela primeira vez. Nascemos de novo!

Temos de deixar claro que o Espírito Santo, ao realizar esta obra divina, utiliza a Palavra de Deus. A pregação do evangelho é uma parte essencial na obra de regeneração realizada pelo Espírito Santo — “Pois fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pe 1.23).

### LEVANTE-SE!

Precisa haver uma apresentação das verdades do evangelho, se um pecador tem de vir a Cristo para a

salvação. Entretanto, a chamada externa, para o pecador receber a Cristo, como Senhor e Salvador, não pode salvar, se permanece sozinha. É necessário haver também uma obra interna do Espírito Santo.

Assim como a voz de Deus afirmou: “Haja luz”, assim também o Espírito Santo traz luz ao nosso mundo de trevas. Ele diz à nossa alma morta: “Levante-se!”

Isto é semelhante ao aparecimento do Senhor Jesus diante do túmulo de Lázaro, quando Ele clamou em voz alta para que o morto saísse do sepulcro. E, assim como Lázaro foi chamado dos mortos para a vida, por intermédio do poder de Deus, assim também somos ressuscitados pelo poder de Deus que opera em nós.

É evidente que, fisicamente, Lázaro morreu outra vez. Todavia, isto não acontece à vida espiritual daqueles que nasceram de novo. A vida eterna que começou com o novo nascimento nunca acabará.

---

(Extraído de *Be Sure What you Believe – Tenha Certeza do que Você Crê* – escrito pelo autor.)

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*A palavra “vem” aparece na Bíblia cerca de seiscentas vezes. Tantos convites levam-nos à certeza de que somos verdadeiramente procurados.*

**Jonathan Edwards**

# A ABSOLUTA IMPORTÂNCIA DO MOTIVO

*A. W. Tozer*

*A prova pela qual toda conduta será finalmente julgada é o motivo.*

Como a água não pode subir mais alto do que o nível da sua fonte, assim a qualidade moral de um ato nunca pode ser mais elevada do que o motivo que o inspira. Por esta razão, nenhum ato procedente de um motivo mau pode ser bom, ainda que algum bem pareça resultar dele. Toda ação praticada por ira ou despeito, por exemplo, ver-se-á, afinal, que foi praticada em favor do inimigo e contra o reino de Deus.

Infelizmente, a atividade religiosa possui tal natureza, que muito desse tipo de atividade pode ser realizado por motivos maus, como a raiva, a inveja, a ambição, a vaidade e a avareza. Toda atividade desse tipo é essencialmente má e como tal será avaliada no Julgamento.

Nesta questão de motivos, como em muitas outras, os fariseus dão-nos exemplos claros. Eles continuam sendo o mais triste fracasso religioso do mundo, não por causa de erro doutrinário, nem porque eram pessoas

de vida abertamente dissoluta. Todo o problema deles estava na qualidade dos seus motivos religiosos. Oravam, mas para serem ouvidos pelos homens, e, deste modo, o seu motivo arruinava as suas orações e as tornava inúteis e, realmente, más. Contribuíam para o serviço do templo, porém, às vezes, o faziam para escapar do seu dever para com os seus pais, e isto era um mal, um pecado. Os fariseus condenavam o pecado e se levantavam contra ele, quando o viam nos outros, mas o faziam motivados por sua justiça própria e por sua dureza de coração. Isso caracterizava quase tudo o que faziam. Suas atividades eram cercadas por aparência de santidade; e essas mesmas atividades, se fossem realizadas por motivos puros, seriam boas e louváveis. Toda a fraqueza dos fariseus estava na qualidade dos seus motivos.

Isto não é uma coisa insignificante — é o que podemos concluir

do fato de que aqueles religiosos formais e ortodoxos continuaram em sua cegueira, até que finalmente crucificaram o Senhor da glória, sem qualquer noção da gravidade do seu crime.

Atos religiosos praticados por motivos vis são duplamente maus — maus em si mesmos e maus porque são praticados em nome de Deus. Isto equivale a pecar em nome dAquele Ser que é impecável, a mentir em nome dAquele que não pode mentir e a odiar em nome dAquele cuja natureza é amor.

Os crentes, especialmente os muito ativos, freqüentemente devem separar tempo para sondar a sua alma, a fim de certificarem-se dos seus motivos. Muito solo é cantado para exibição; muitos sermões são pregados para mostrar talento; muitas igrejas são fundadas como um insulto contra outra igreja. Mesmo a atividade missionária pode tornar-se competitiva, e a conquista de almas pode degenerar, tornando-se uma espécie de *marketing* eclesiástico, para satisfazer a carne. Não esqueçam: os fariseus eram grandes missionários, e rodeavam o mar e a terra para fazer um converso.

Um bom modo de evitar a armadilha da atividade religiosa vazia é comparecer diante de Deus, sempre que possível, com a nossa Bíblia

aberta em 1 Coríntios 13. Esta passagem, embora seja considerada uma das mais belas da Bíblia, é também uma das mais severas dentre as que se acham nas Escrituras Sagradas. O apóstolo toma o serviço religioso mais elevado e o consigna à futilidade, se não for motivado pelo amor. Sem amor, profetas, mestres, oradores, filantropos e mártires são despedidos sem recompensas.

Resumindo, podemos dizer que, aos olhos de Deus, somos julgados não tanto pelo que fazemos e sim por nossos motivos para fazê-lo. Não “o quê” mas “por quê” será a pergunta importante que ouviremos, quando nós, crentes, comparecermos no tribunal, a fim de prestarmos contas dos atos praticados enquanto estávamos no corpo.

---

Nota sobre o autor: o Dr. A. W. Tozer era pastor de uma igreja da Aliança Cristã Missionária, no Canadá, até seu falecimento, nos anos 1960. Ele é conhecido como um dos mais famosos pregadores deste século e “um profeta” da nossa geração.

(Publicado originalmente, em português, em *A Raiz dos Justos*”, pela Editora Mundo Cristão).

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*Uma fé íntegra deve produzir um  
coração tranquilo.*

**J. C. Ryle**

# A ÚLTIMA CARTA DE UM SOLDADO

Um soldado mortalmente ferido na Batalha de Bunker's Hill (1775), durante a Guerra da Independência Americana, escreveu à sua esposa na Inglaterra, pouco antes de morrer, a seguinte carta:

Meu querido amor,

Antes que recebas estas linhas, a morte cruel já me terá varrido do palco da vida. Nunca mais repousarás nestes braços; nem estes olhos, que agora mergulham nas sombras da morte, poderão vislumbrar tua gentil figura ou encher-se de encantamento, ao contemplar-te em companhia de nossos queridos filhos.

Ontem, entramos em obstinado e sangrento combate, onde muitos dos nossos foram feridos ou mortos. Recebi dois balaços, um na virilha e outro no peito. Estou tão fraco com a perda de sangue, que mal posso escrever-te estas poucas linhas, último tributo de meu amor imutável por ti. O cirurgião informou-me que três horas são o máximo que poderei sobreviver.

Quando viajava da Inglaterra para a América dispus-me a ler a Bíblia, por ser esse o único livro que possuía. Pela doce atração de sua graça, o Onipotente Pai de toda a humanidade se deleitou em atrair meu coração a Ele mesmo, iluminando, para isso, a minha mente.

Em nosso regimento, havia um cabo que professava a verdadeira fé cristã. Eu não tinha conhecimento de sua existência, até certa noite em que, através de oração fervorosa, pedi a Deus que me guiasse pelos caminhos da paz. Enquanto dormia, sonhei com esse homem e me dirigi a ele, chamando-o pelo nome, que era Samuel Pierce. O sonho impressionou-me tanto, que na manhã seguinte procurei informar-me se no regimento havia alguém com esse nome; e, atônito, fui encontrá-lo. Contei-lhe meu sonho, que o agradou muito. Nasceu entre nós uma forte amizade, e logo ele se deleitava em contar-me do grande amor de Deus pelos homens, em ter dado seu filho Jesus Cristo para derramar o seu sangue e morrer pela humanidade. Ele desvendou, diante de mim, os mistérios da salvação, a natureza do novo nascimento, a grande necessidade de santidade de coração e vida; e, resumindo, tornou-se meu pai espiritual. A ele, pela graça de Deus, devo todo o bem que conheço. Meu querido amor, desejo que conheças este abençoado modo de vida.

Logo que aportamos, aprouve a Deus falar de paz ao meu coração. Oh! Que encantamento, que alegria perene senti, através do sangue do Cordeiro! Agora, anseio contar ao mundo inteiro o que Jesus fez por mim. E como desejo, com grande ardor, meu bem, ser capaz de levar-te a sentir e conhecer o amor de Deus em Cristo Jesus! Daria o mundo para estar contigo e informar-te sobre a pérola de grande preço.

Meu querido amor, como não nos veremos mais neste vale de lágrimas, deixa-me expor-te este último desejo: se algum dia fui querido por ti, suplico-te que não negligencies este último conselho de teu marido, que está morrendo, isto é: rende-te a Deus. Lê a Bíblia e bons livros, frequenta os cultos de um povo chamado evangélico; e que Deus te guie em seus caminhos.

Esforça-te por criar nossos filhos no temor do Senhor. Não prendas o teu coração às coisas vãs e materiais deste mundo. O céu e o amor de Deus são as únicas coisas que demandam nosso coração e merecem possuí-lo.

És ainda jovem e não posso desejar que, estando eu frio debaixo da terra, não te cases novamente. Mas deixa-me dar-te um conselho: não te cases com alguém, por mais simpático ou rico que seja, que não ame e tema a Deus; esta é a única coisa necessária.

Fui um marido mau para ti, um filho desobediente para meus pais, um rebelde para Deus. Que Deus tenha misericórdia de mim, pecador! Morro em paz com todo o mundo. Morro na plena segurança da glória eterna. Mais uns momentos, minha alma se juntará às fileiras dos espíritos desencarnados, na grande assembléia da Igreja do Unigênito, que está estabelecida no céu. Meu único amor, eu te peço, eu te peço, eu te imploro, eu te suplico que venhas ter comigo no reino da glória! Ó! corre para os braços, uma vez ensangüentados, de Jesus. Clama por Ele, dia e noite, e Ele te ouvirá e te abençoará!

A vida de um soldado é sangue e crueldade; a de um marinheiro, perigo e morte. A vida de uma cidade é cheia de confusão e lutas; a vida de um país é carregada de labor e fadiga, porém, o maior de todos os males provém de nossa própria natureza pecadora. O mundo, por si mesmo, até agora, nunca tornou ninguém feliz. Somente Deus é a ventura de uma alma justa. Ele está presente em toda a parte, e a Ele temos livre acesso em todos os lugares. Aprendei, pois, queridos filhos, quando crescerdes, a procurar a felicidade permanente em Deus, através do Redentor Crucificado.

Meu querido amor, mais eu diria, porém a vida se me esvai. Meus sentimentos cessam de executar suas funções. Anjos de luz rodeiam a relva ensangüentada em que estou deitado, prontos a escoltar-me para os braços de meu Jesus. Santos curvados mostram-me minha brilhante coroa e aceitam-me de longe. Sim, penso que meu Jesus me convida a ir. Adeus, adeus, querido amor.

**John Randon**